

F_Gullar

Qual é a primeira lembrança que eu tenho de mim mesmo né? É uma coisa meio difusa

Eu não me lembro assim, da primeira. Não sei qual é a primeira.

Eu me lembro assim, meu pai armando uma fotografia, chamou um fotógrafo pra fazer uma fotografia de todos nós.

Eu bem garoto, devia ter o que? Uns 5 anos de idade por ai ou um pouco mais.

No quintal lá de casa, na rua da alegria, então aparece. Essa foto existe.

Tem minha mãe, tem meus irmãos lá

Eu me lembro, um domingo de tarde. Eu não sei porque razão meu pai inventou esse negócio dessa foto lá no quintal.

Isso eu me lembro bem. É uma das coisas antigas assim, mais distantes que eu me lembro.

E me lembro, talvez de uma coisa que seja anterior, porque o pessoal assustava a gente falando assim: O lobo vai te pegar! O lobo vai te pegar!

E eu não sabia o que era lobo.

Lobo para mim era uma palavra que me assustava porque ia me pegar, mas não sabia o que era.

Então eu comecei a localizar o lobo, nas coisas que eu não sabia o que eram.

Então por exemplo, um dia apareceu por debaixo da cama uma coisa branca que parecia um bolo, mas na verdade era o vômito de um cachorro, mas era branco como se fosse um bolo.

Aí bolo, lobo. Eu achei que aquilo ali era o lobo, aí identifiquei aquilo como lobo.

A forma visual identificada com a forma auditiva

Misturar a coisa visual com o auditivo, com a audição da palavra lobo de lobo, bolo e tal.

Eu já começava a brincar com palavra aí nessa época

Eu acho que já era o futuro poeta que estava surgindo.

- É o que? Uma pesquisa que vocês estão fazendo?

- A senhora sabe que é esse?

- Ai que susto "cê" quer me matar? Não sei não

- Sabe quem que é esse aqui amigo?

- Que?

- Quem que é esse aqui? Você sabe quem é?

- Esse aqui é o Ferreira Gullar

- O que ele é?

- Ele é um escritor famoso que mora aqui.

- Quem é esse?

- Esse é um freguês meu, freguês e amigo

- Mas quem é ele?

- Senhor Ferreira Gullar

(Risos)

Eu cheguei aqui, eu tinha pouco dinheiro, mas eu tinha o dinheiro para enfrentar alguns meses

Fui morar numa vaga num quarto, não morei num quarto, fui morar numa vaga.

Num quarto lá na glória e com pessoas desconhecidas.

Pagando o mínimo e comia um negócio para comer no restaurante do calabouço que era de estudante de graça.

Aí eu consegui um emprego porque eu tinha ganho, o concurso do jornal de letras, que foi uma coisa que também me estimulou escrever.

O jornal de letras era o jornal mais importante do jornal literário que havia no Brasil naquela época dos irmãos Condé.

E então eu fui procurar o jornal, eu cheguei lá "eu sou o Gullar"

Aí eu falei com João Condé e por acaso João Condé dirigia a revista do instituto de aposentadoria dos comerciários, que era lá no Centro da cidade na Rua México. Ele dirigia essa revista, aí ele falou assim “ você tá trabalhando? ”

Aí eu falei “não eu to chegando aqui”

Você não quer trabalhar na revista não? Vai trabalhar na revista conosco.

Aí me arrumou um emprego de extranumerário mensalista, porque eu não tinha concurso para ser funcionário público.

Aí eu comecei a trabalhar nessa revista, lá tinha telefone, mesa, máquina de escrever, tinha tudo.

Era uma revista que empregava uma opção intelectual que ninguém trabalhava nela, eu era o único que trabalhava.

Paulo Roberto Parreiras desapareceu de casa, trajava calça cinza, camisa branca e tinha 16 anos.

Parecia com teu filho, teu irmão, teu sobrinho, parecia com o filho do vizinho. Mas não era, era Paulo Roberto Parreiras que não passou no vestibular.

Recebeu a notícia quinta feira a tarde, ficou triste e sumiu, de vergonha? De raiva?

Paulo Roberto estudou dura, duramente, durante os últimos meses.

Deixou de lado os discos, o cinema, até a namoradina ficou dias sem vê lo, nem soube do carnaval. Se ele fez bem ou mal não sei, queria passar no vestibular, não passou. Não basta estudar?

Paulo Roberto Parreiras, a quem nunca viu mais gordo onde quer que você esteja fique certo de que estamos ao seu lado.

Sei que isso é muito pouco, para quem estudou tanto e não foi classificado pois não há mais excedentes, mas é o que lhe posso oferecer. Minha palavra de amigo desconhecido.

Nesta mesma quinta feira em Nova York morreu um menino de 13 anos que tomava entorpecentes, em São Paulo outro garoto foi preso roubando um carro e a muitos outros que somem ou surgem como cometas ardendo em sangue, nestas noites, nestas tardes nestes dias amargos.

Não sei para onde você foi, nem o que pretende fazer, nem posso dizer que volte para casa e estude mais e tente outra vez, não tenho nenhum poder, nada posso assegurar.

Tudo que posso dizer-lhe é que a gente não foge da vida, que não adianta fugir, nem adianta endoidar. Tudo que posso dizer-lhe é que você tem o direito de estudar, é justa a sua revolta, seu outro vestibular.

A poesia nasce do espanto, o que é o espanto?

O caso do poema, que ilustra bem isso que eu já contei.

Eu estava vendo televisão, toca o telefone, e eu me levanto abruptamente para atender o telefone e o osso da minha perna, o fêmur, bate no íliaco.

E aí eu vou e atendo o telefone e quando eu volto eu falo, “mas eu tenho um osso dentro de mim enorme”, quer dizer, eu sei que eu tenho, mas uma coisa é eu saber, outra coisa é eu sentir.

O osso bateu no outro, um osso real, uma coisa material bateu no outro osso, mas é que sou eu.

Então em função disso vem a pergunta, mas eu sou esse osso? Isso sou eu?

Osso pergunta, quem pergunta, aí começa um poema.

Então eu digo, é fruto do acaso e da necessidade.

Mas é o espanto, eu me espantar com aquilo.

Movo a perna esquerda de mau jeito, e a cabeça do fêmur atrita com o osso da bacia, Sofro um tranco e me ousou perguntar, aconteceu comigo ou com o meu osso? E outra pergunta, eu sou o meu osso? Ou eu sou somente a mente que a ele não se juntaram?

E outra, se isso não pergunta, quem pergunta? Alguém que não é osso, nem carne em mim habita? Alguém que nunca ouço, a não ser quando em meu corpo um osso com outro osso atrita?

Um pintor pode começar um quadro sem estar espantado com nada, na pintura o espanto vem depois.

Na poesia tem que vir antes, porque a poesia é uma construção verbal, eu não posso formar uma frase que não tenha sentido, então para ter sentido tem que ter uma reflexão.

Então o espanto é uma reflexão inesperada o poema não pode começar sem essa reflexão que dá origem a tudo.

Mas o quadro não, quando o quadro está em branco o cara dá uma pincelada qualquer, dá outra, daqui a pouco aquilo começa a virar um quadro mesmo.

(Áudio não entendido 10:02)

Eu trabalhava na revista arquitetura o assunto daquele número a ser planejamento urbano.

Então eu tinha que procurar arquivos da revista, fotografias que mostrassem regiões, mostrassem cidades, para ilustrar o pensamento do autor do artigo sobre cidades planejadas, cidades não planejadas.

E eu fui pro arquivo buscar esse tipo de foto e de repente eu olhei uma foto que eu não sei como eu não reconheci que aquilo era São Luís.

Aí quando eu virei o verso da página estava escrito São Luís do Maranhão.

Aí eu falei “ é São Luís sim, cadê a minha casa? ”

Aí vi o quartel 24 BC que é o quartel do exército.

Aqui minha casa fica para cá, encontrei a rua minha casa, está aqui o telhado da minha casa, tá entendendo?

No momento que eu descobri o telhado da minha casa, então ali em volta tinha um sítio dos Medeiros que tinha água, aí eu comecei a ouvir como se o rio estivesse fazendo o ruído lá debaixo dos ramos.

Aí eu digo, bom eu estava debaixo desse telhado quando esse avião fotografou a cidade, aí eu entrei numa viagem né.

Então o poema é um pouco isso. Eu me coloco como se eu estivesse debaixo do telhado da minha casa quando o avião fotografou a cidade.

Uma fotografia aérea

Eu devo ter ouvida aquela tarde um avião passar sobre a cidade

Aberta como a palma da mão entre palmeiras e mangues

Vazando no mar o sangue de seus rios, as horas do dia tropical

Aquela tarde vazando seus esgotos, seus mortos, seus jardins

Eu devo ter ouvido, aquela tarde em meu quarto, na sala, no terraço ao lado do quintal
O avião passar sobre a cidade.

Geograficamente desdobrada em si mesma e escondida de baixo dos telhados lá em baixo sob as folhas, lá em baixo no escuro sonoro do capim, dentro do verde quente do capim, lá junto a noite da terra entre formigas e a vida.

Os cabelos do ventre e o mofo do corpo por dentro, na usina da vida em cada corpo, em cada habitante, dentro de cada coisa, clamando em cada casa

A cidade, sob o calor da tarde por onde o avião passou.

Negror n'origens, flumes! Começa o poema assim.

É uma tentativa de expressar o inexpressável, porque veja bem.

Quando eu entrei no sanatório, no dia em que eu entrei no sanatório eu vi umas plantas que tinha lá, que chama rabo de galo. Crista de galo! Crista de galo!

Tem umas plantas que chamam Crista de galo.

Aí depois, um mês depois que eu estou no sanatório lá na varanda do sanatório vendo o jardim, o canteiro onde estão as Cristas de galo

Aí eu olhei e tinha um galo falei “ tem um galo no meio das cristas de galo? ”

Aí eu pensei comigo “como a planta se chama Crista de galo eu acho que estou vendo um galo, mas não estou vendo galo nenhum”

Quando eu acabei de pensar isso o galo andou e saiu do meio das plantas, aí eu levei um susto então, essa coisa ficou dentro de mim né.

A linguagem conceitual, a linguagem usual, a nossa linguagem e tudo, ela está impregnada no conhecimento passado, ela é um repositório de conhecimento passado.

E eu queria expressar alguma coisa que nascesse ali, uma linguagem que expressasse a experiência do instante vivido, sem passado.

Então eu escrevi um poema que tem no (áudio não 14:50)

Cerne claro, cousa aberta,
Na paz da tarde ateia branco
O seu incêndio.

Estou quase lá, não está anunciando nada é a emissão da coisa.

Agora um novo passo adiante, além disso, porque eu não vou voltar para trás eu dizia, Então um passo adiante, escrevi um novo poema que daí começa a entortar tudo.

Aos trabalhos e ao sono inicial.

Eu queria chegar na origem

Então origem, o sono e o trabalho, é a mobilidade, o começo de tudo

Ao trabalho e ao sono inicial, ao trabalho e ao sono inicial, ao trabalho...

Então isso vai se sucedendo, ao trabalho e ao sono inicial

Ficou uma palavra só como se fosse juntar tudo, o que é antes o trabalho ou o sono?

O sono ou o trabalho? Aí virou uma palavra só ao trabalho e ao sono inicial.

Depois que eu fiz esse poema eu sentia nojo da linguagem, eu sentia nojo de escrever normal.

Agora o que eu vou fazer? Eu vou publicar isso, porque eu não vou escrever mais mesmo então eu vou publicar isso, é o que eu fiz, é a minha obra.

E aí eu comecei a pensar no título, e aí botei esse título a luta corporal por que ele expressa exatamente isso, eu sempre identifiquei a linguagem como meu corpo, eu não separava uma coisa da outra.

Então a luta com a linguagem era uma luta pelo próprio corpo, os limites do próprio corpo.

A publicação do meu livro A Luta Corporal, é o que deflagrou esse negócio da Poesia Concreta

Na verdade, sem A Luta Corporal, não teria vindo a Poesia Concreta, porque destruiu a linguagem, destruiu o discurso.

Então eles me procuraram, porque eles viram que aquele livro subvertia a orneia da poesia brasileira.

Vamos nos juntar para fazer uma nova poesia, então eles me procuraram.

Então nós conversamos e qual era a solução.

Eu tinha destruído o discurso poético, a sintetize está certo.

Então a solução era uma sintetize.

E outra, que sintetize se eu destruí o discurso? Uma sintetize sem discurso.

Então era uma sintetize espacial, mar azul, barco azul, marco azul, não tem discurso, está certo.

Então a Poesia Concreta é isso, ela é resultante de uma poesia que eliminou o discurso.

Mar azul, mar azul, marco azul, mar azul, marco azul, barco azul, mar azul, marco azul, barco azul, arco azul, mar azul, marco azul, barco azul, arco azul, ar azul.

Eles eram um grupo, é claro que eles tinham uma formação diferente da minha, então houve discordâncias,

Eles também eram muito cheios de teorias coisa que eu nunca fui.

Eu reflito sobre as coisas depois ou simultaneamente, eu não fico fazendo teoria inventando como eles inventaram.

A poesia vai ser feita segundo equações matemáticas,

Ahh para com isso cara, não existe.

Não bora fazer

Cara então você rompe, rompemos.

(Áudio não entendido 11:27 até 11:30) aquela coisa geométrica, fria, não era mais, era outra coisa, então vamos, vamos mudar de nome.

E aí propus o Neo concreto.

E aí em função disso, em função do trabalho que a gente fazia, do trabalho da Lygia, do Amilton, do meu trabalho, eu escrevia teoria do não objeto,

E isso fundamentou mais, estimulou mais o trabalho, porque veja bem, a arte não nasce da teoria, a arte não nasce da teoria. A teoria nasce da arte.

Mas a teoria ajuda, quando você teoriza, você toma consciência de algumas questões que estão implícitas no teu trabalho e isso faz o trabalho avançar.

Aí nessa junta, arte e teoria e uma começa a alimentar a outra.

Eu criei uma coisa por acaso, chamado livro poema

(Áudio não entendido 20:30 até 20:37) aí eu fui fazendo um livro ao contrário, escrevendo no verso da folha, aí comecei a cortar a página em diagonal, aí inventei um livro. Um livro que é um poema.

E a Lygia que estava enfrentando os problemas da pintura dela e estava num impasse, ela começou a fazer os objetos, manuseados também que são os bichos. Porque nós éramos isso, éramos um grupo que mostrava as coisas um para o outro. E discutia e fazia e tal. E por isso que eu mudei o nome, mudei pra Neoconcreto por isso.

Porque no fundo nós éramos um outro grupo que pensava diferente do que os outros do grupo concreto pensavam.

Então aí eu dei o passo adiante, fiz o primeiro poema objeto, que lembra uma placa branca, com azul, de baixo do cubo a palavra lembra, levanta o cubo tem lembra, agora quando você coloca de novo agora aquilo é outra coisa porque agora tem uma palavra pulsando em baixo daquele cubo.

Aí eu levei adiante, fazendo o poema enterrado, que agora não é mais usar a mão, é usar o corpo, é entrar no poema.

E aí construiu-se o poema enterrado na casa do (Áudio não entendido 21:51) era uma sala no fundo do chão.

Aquela altura já, eu começava a me engajar se aquilo era o caminho realmente, que eu tinha que seguir.

Essa sala toda subterrânea, que era uma obra de arquitetura, tinha que descer pela escada toda e entrar na sala

Aí tinha um cubo vermelho, levantava o cubo vermelho tinha um cubo verde, levantava o cubo verde, tinha um branco. Aí pegava o cubo branco e tinha escrito a palavra rejuvenescença.

Então é, "pô" construir tudo isso para botar uma palavra só. E de repente eu vi que tudo bem eu achava legal aquilo, só que eu falava assim, " mas eu não posso ficar seguindo o resto da minha vida por aí, porque eu não sou isso, eu não sou artista plástico e não sou arquiteto. "

Oh rapaz, pensei que você não vinha mais.

Senta aí, o negócio é sério,

Preciso de você em Brasília ainda hoje.

- Por que?

- O ministro de assuntos exteriores, vai fazer um pronunciamento de fim de ano e a gente ainda não sabe bem o que ele vai dizer.

- Mas ele vai falar mesmo? É estranho sabia?

- Vai falar.

- É mesmo importante que eu vá?

- É

- Porque eu, eu tenho um problema sério.

- Não adianta nada, você vai ter que ir, porque a gente tem que saber o que que eles vão fazer lá em Brasília. Só tem você aqui para isso.

- Se o presidente fosse falar, não tinha problema nenhum, o presidente fala todo dia. A gente sabe né.

Então eu dei uma parada. Dei uma parada
Aí foi a época que me convidaram para ir para Brasília, aí eu fui para Brasília,
Aí lá eu entrei na vida política aí tal.
O fato de eu ir para Brasília, de eu me envolver com uma situação real.
Os nordestinos ir trabalhar, e não tinham condições de vida igual aos funcionários públicos.
Então uma cidade contraditória. Então aquilo começou a me fazer pensar na questão social.
E aí nessa mesma época o Jânio renuncia,
O João Goulart assume o poder, o governo, (Áudio não entendido 24:08 até 24:11)
Começa uma militância política intensa e eu me envolvi nisso.
E passei a participar dessa militância que resultou com o contra partido do golpe de 64.
Bom aí parou tudo, aí acabou.
Tocaram fogo na UNE acabou o CPC,
Aí nesse dia do golpe eu entrei para o partido, pelo fato de que eu não ia ficar sozinho.

Se acabou o CPC eu vou ficar só na minha casa? Não eu quero militar, eu quero continuar.
Então a organização que existia e que apoiava o CPC era o partido comunista.
Bom aí criamos o grupo opinião, aí começamos uma militância um pouco diferente do CPC da UNE.
Por que? Por um lado, porque não podia e por outro lado que a gente tinha aprendido também que não adianta ficar fazendo teatro político de má qualidade, poesia, política de má qualidade. Fazer coisas com qualidade.
Antes de ser político tem que ser poema, antes de ser político tem que ser peça de teatro, antes de ser político tem que ser cinema bom.
Toda a luta da intelectualidade, inclusive a passeata de 100 mil foi organizada por nós e pelo partido,
Porque mataram um policial e o chefe da polícia falou que a partir daquele momento ia ser olho por olho, dente por dente.
Que ele não ia mais ter contemplação por estudante, por intelectual, por ninguém.
Aí a gente achou que aquilo era uma ameaça a todos nós.
Eu fui para o exílio, tem a ver com o problema do Mário Lago e do Barriguella dentro do partido.
De querer introduzir luta armada no partido. Arrastar o partido para a luta armada.
Para impedir que eles conseguissem isso, numa eleição, que a direção estadual do partido do Rio de Janeiro. Pediram que eu me candidatasse.
O resultado é que quando essa regressão recrudescer em cima de todo mundo.
Ninguém precisou ir para o exílio, mas eu que era membro da direção tinha que ir para o exílio. Porque foi o próprio partido de ministro.
Fui para clandestinidade, fiquei um ano na clandestinidade aqui no Rio mudando de casa, até que não teve mais para onde eu ir e eu tinha que ir embora.
Minha mulher não podia saber onde eu estava, nem meu filho por que vai que eles me visitassem, a polícia segue eles, aí imagina. A solução foi sair do Brasil.
E aí o caminho era Moscou, porque era um lugar onde não havia problema, porque lá tem o curso que eles davam para formação de quadros a escola internacional do partido.
E lá eu fiquei durante um ano e meio, quase dois anos.
Depois de Moscou, aí eu fui para o Chile.
O Allende tinha ganhado a eleição no Chile e era um governo socialista, o partido era aliado do Allende, e eu fui para lá para o Chile.
Aí cheguei lá em maio de 73, em setembro ele foi derrubado, aí a polícia invadiu meu apartamento 2 vezes. Eu consegui me safar. Aí consegui um salvo conduto e me mandei para Buenos Aires.

Mas aí morreu o Perón e aí começou a conspiração para o abaixo governo da Isabelita que é a viúva dele. A mulher dele que assumiu o governo. E aí foi outro desespero.

Aí eu vou ter que sair daqui, eu não vou ficar aqui. Não vai dar para eu ficar aqui. Meu passaporte estava vencido, aí eu fui a baixada para pedir meu passaporte, eles se negaram a me dar e ainda cancelaram o passaporte que eu tinha. Aí eu fiquei sem saída né.

Eu vivi em Buenos Aires, eu vivi em Moscou, eu vivi em Lima. Eu não tinha nada a ver com aquelas cidades. O poste, as fachadas das casas, não tinham nada a ver comigo. Mas aqui não, nessa esquina eu passo aqui, bom aqui morou o meu amigo fulano. Ali morava o Armando Costa e foi o apartamento onde eu me escondi pela primeira vez. Entende?

Então cada lugar daqui eu conhecia a fulana que foi minha namorada, minha namoradinha quando eu cheguei no Rio. Então é diferente, a cidade, é a sua história também.

Por isso ela é acolchoada, ela está cheia de sua vida, de suas lembranças, ela não é pura matéria bruta.

E quando você está no exílio não. Essa cidade é uma cidade estranha, por mais legal que ela seja, como Buenos Aires que é uma cidade agradável, ela é estranha, não é você.

Ah, minha cidade suja
de muita dor em voz baixa
de vergonhas que a família abafa
em suas gavetas mais fundas
de vestidos desbotados
de camisas mal cerzidas
de tanta gente humilhada
comendo pouco, mas ainda assim bordado de flores
suas toalhas de mesa
suas toalhas de centro
de mesa com jarros
na tarde
durante a tarde
durante a vida
cheios de flores
de papel crepom
já empoeiradas
minha cidade doída

Um pouco antes do golpe eu escrevi o poema sujo, porque quando eu vi que eu não tinha saída e que era imprevisível o que ia acontecer comigo,

Porque naquela altura já era ditadura para tudo o canto.

Eu vou para onde? Voltar para o Brasil eu não posso, que que vai acontecer? Eu não sei.

As pessoas desapareciam.

Aí eu escrevi o poema como se fosse a última coisa na vida, a última coisa que eu posso fazer é isso, eu vou escrever o último poema da vida. Da minha vida.

Isso foi em 75 que eu escrevi, em maio a outubro de 75.

Em março de 76 se eu não me engano veio o golpe.

Eu como disse que a poesia nasce do espanto, esse espanto durou 5 meses.

Eu entrei naquele estado que anulou todo esse tempo, mas chegou num momento em que cessou isso, eu sai desse estado.

Acabou, assim como começou acabou.

Aí o poema não estava concluído, até que um dia me acudiu uma ideia e eu consegui encerrar o poema com os versos finais do poema que é

“ O homem está na cidade, como uma coisa está em outra. E a cidade está no homem, que está em outra cidade. “

Aí o Vinicius apareceu em Buenos Aires fazendo um show, aí eu fui ver o show dele, aí depois fui para o camarim, conversei com ele, aí falei

- Olha eu conversei com o Bual, para convidar você para jantar na casa dele, você quer ir jantar? Para gente conversar.

- Ah eu vou, pode ser amanhã?

- Ah pode ser.

Aí ele foi, e lá no jantar o Bial falou para ele

“ Ah o Gullar escreveu um poema aí enorme que ele não quer mostrar para ninguém. ”

Aí eu falei “ Não é que eu não quero mostrar, o poema só tem uma cópia eu estou trabalhando ainda no poema então eu posso fazer o que? “

Aí o Vinicius “ Ah então você lê para gente, vamos marcar uma noite e você lê para gente aqui. “

Aí eu falei “ Ah tudo bem, ler eu leio. “

E aí eles convidaram umas 20 pessoas, 15 pessoas. Sei lá.

E eu fui e li o poema, aí o Vinicius ficou muito comovido com o poema e falou assim

“ Eu quero levar esse poema para o Brasil. Eu quero levar como você disse aqui então nós vamos gravar. ”

Aí ele trouxe o poema para o Brasil e mostrou, reuniu amigos na casa dele para ouvir o poema.

Aí foi aquele negócio, quer dizer. Eu no exílio, o poeta e tal. Aí criou uma comoção.

Aí outras pessoas tiraram cópia da fita dele e fizeram a mesma coisa em suas casas, daí o poema foi sendo conhecido assim.

Aí em junho de 76 meu poema foi publicado e lançado numa noite de autógrafo, sem a minha presença. Foi best seller, durante um mês ele estava entre os livros mais vendidos. Eu acho que foi a primeira vez que um poema consegue essa proeza.

Mas de algum modo, esse quadro contribuiu para a minha volta (Áudio não entendido 34:23 até 34:29)

E levaram o poema para ele ler, e disseram que não tinha cabimento eu ficar fora do Brasil, aí ele leu o poema e falou

“ Eh, é um poema obsceno, mas tudo bem, eu não tenho nada contra, mas sucede que para ele entrar aqui ele tem que falar com o Figueiredo o chefe do SNI. ”

Aí foram falar com o Figueiredo e o Figueiredo falou

“ Eu não quero esse comunista aqui. ”

Aí eu falei, “ Mas ele é dono do Brasil? Não, então eu vou voltar. Eu não aguento mais exílio e eu vou voltar. “

Então eu escrevi uma carta para o (Áudio não entendido 35:17) e na carta eu dizia que ele avisasse o comandante do exército de que eu ia voltar. Que ele avisasse o chefe de polícia do Rio de Janeiro que eu ia voltar e que ele avisasse a ABl que eu ia voltar e o ministro da justiça da ditadura.

Porque que eu mandei fazer isso? Para eu não voltar clandestino, papa eles não darem sumiço em mim, como estavam fazendo com outras pessoas.

O cara chega, ninguém sabe que ele chegou, aí dão sumiço.

Quando eu cheguei no galeão estavam mais de 200 pessoas me esperando.

E onde faz a entrega do passaporte lá, a legalização da entrada, estava escrito assim

“ Ferreira Gullar ou José de Ribamar Ferreira, prender. ”

Mas aí não me prenderam claro, não iam me prender com 200 pessoas me esperando, artistas, escritores. Não iam fazer isso.

Aí eu saí e no dia seguinte, eu estava na praia já, Ipanema,

Aí quando veio o Mario Cunha foi me dizer, que tinha recebido um anúncio da polícia dizendo para eu comparecer na polícia marítima naquele dia.

Eu terminei preso, fiquei lá até amanhecer e de noite me prenderam.

Aí me levaram lá e tal, me interrogaram durante 72 e duas horas, me interrogaram sem parar.

Sem me dar comida nem bebida nem nada, e eu no final já estava sinceramente exaurido de falar.

Aí eles perguntam, perguntam umas coisas, vem uns negócios para me massacrar. Como eu tinha planejado eu não podia fazer nada a não ser me aporrinhar né, não podiam me matar, nem me torturar nem dar sumiço em mim, aí terminam tendo que me soltar.

Ferreira Gullar! Famoso eu não sei quem é.

Depois do poema sujo, na vertigem do dia, eu digo, poema sujo é um poema sinfônico. A vertigem do dia, é música de câmara. Os temas são parecidos, só que é tratado de outra maneira.

É um outro tom, é um outro saí do exílio, eu sai do desespero. É uma outra coisa, é uma outra pessoa, é um outro poeta.

E aí começa uma outra coisa, realmente a partir da meia volta começa uma outra coisa, um outro caminho para a minha poesia.

Aí também vem a minha separação, a minha crítica com relação a atuação política, a minha visão de mundo que muda com relação a isso, eu passo a criticar o que não é ressentida com relação às ideias políticas, ao mocismo e umas coisas que eu vivi.

Eu acho que, quem entrou na luta revolucionária na pela sociedade socialista é herói, merece nosso respeito. É pessoa que queria um mundo melhor e mais justo, que não tem culpa de nada.

Eu não estou falando contra ninguém, mas eu não posso negar que está errado, é uma pena que o cara tenha feito uma coisa dessa, uma coisa que acabou com a vida dele, mas está errado.

1, 2, 3, 1, 2, câmara 1, câmara 2 no ar? Ok

Não se trata do poema e sim o homem e sua vida,

A mentira a ferida, consentida, vida já ganha e já perdida e ganha outra vez.

Não se trata do poema e sim da fome de vida, o sôfrego pulsar entre constelações, embrulhos entre engulhos.

Alguns viajam, vão a Nova York ou a Santiago no Chile, outros ficam mesmo na rua da alfândega por detrás de balcões e guichês.

Todos te buscam, fochos de vida, escuro e claro. Que é mais que a água na grama, o banho no mar. Que o beijo na boca mais que a paixão na cama.

Todos te buscam e só alguns te acham. Alguns te acham e te perdem, outros te acham e não te reconhecem e a os que se perdem por te achar.

Oh desatino, oh verdade, oh fome de vida. O amor é difícil mas pode nos ver em qualquer ponto da cidade.

E estamos na cidade, sobre as nuvens e entre as águas azuis, a cidade. Vista do alto ela é fabril, imaginária. Se entrega inteira como se estivesse pronta.

Vista do alto, com seus bairros e ruas e avenidas. A cidade é o refúgio do homem, pertence a todos e a ninguém.

Mas vista de perto, revela o seu túrbido presente, sua cara dura de pânico.

As pessoas que vão e vem, que entram e saem, que passam sem rir, sem falar entre apitos e gases.

Ah, o escuro sangue urbano movido a juros.

São pessoas que passam sem falar e estão cheias de vozes e ruínas.

És Antônio? És Francisco? És Mariana?

Onde escondeste o verde clarão dos dias? Onde escondeste a vida que eu teu olhar se apaga, mal se acende.

E passamos carregados de flores sufocadas, mas dentro no coração eu sei. A vida bate. Subterraneamente a vida bate em Caracas, no Harlem, em Nova Deli e sobre as penas da lei em seu pulso. A vida bate.

E essa clandestina esperança, misturada ao sal do mar, que me sustenta.

Está tarde, debruçado a janela de meu quarto em Ipanema na América Latina.

Eu sei que eu vou morrer, eu digo para mim, morrer é bom. Para eu sair da depressão, morrer é bom, porque eu vou morrer, então isso não tem saída.

Morrer é bom, porque morrer é como se você nunca tivesse existido, está certo?

Na hora que você morre, você nunca existiu porque você é sua consciência não é isso? Na hora que a consciência apaga.

Eu uma vez estava lá na sede da ginástica, onde eu era presidente da ginástica

Aí eu estava cansado, adormeci na mesa, em cima da mesa, aí a minha secretária chegou “ Presidente! Presidente! ”

Aí eu acordei, quando eu acordei eu falei assim “ Eu podia não ter acordado nunca, e nem sabia o que aconteceu. ”

Eu dormi, cai de cabeça e dormi. Se aquilo tivesse sido um infarto, eu jamais saberia, e é como se nunca tivesse acontecido nada.

Morre é problema de quem fica, não é de quem morre, é de quem fica, esse é o problema. Aí é problema.